

**\*TRS**

**Tecnologia, Redes e Sociedade**

e-planning | networks | e-learning | e-government

## Relatório Interno TRS 02/2015

**Título**

As bibliotecas e o ensino superior: uma reflexão preliminar

**Autor(es)**

Olinda Martins, UFP  
Luís Borges Gouveia, UFP

**Mês, Ano**

Julho, 2015

Local de presença Web <http://tecnologiaredesesociedade.wordpress.com>

Repositório de trabalho científico \*trs <http://bdigital.ufp.pt/handle/10284/3787>

Universidade Fernando Pessoa

Praça 9 de Abril, 349

4249-004 Porto, Portugal

# As bibliotecas e o ensino superior: uma reflexão preliminar

Olinda Martins, Luis Borges Gouveia

Universidade Fernando Pessoa

## Resumo

Na sociedade actual, dita da informação e do conhecimento, assistimos, a um ritmo intenso, à mudança de práticas e atitudes (principalmente dos mais jovens) no acesso à informação. Importa equacionar qual o papel das bibliotecas nas actuais instituições de ensino superior. Continua a ser o centro do saber e conhecimento de outrora ou tornou-se obsoleta e anacrónica face a novas exigências?

Frequentadas por jovens e menos jovens, corresponde àquilo que dela esperam? Como é percebida pelos seus públicos e sentida pela sua comunidade? Estas e outras questões lançam o repto para uma reflexão sobre a realidade das bibliotecas do ensino superior nos dias de hoje.

## Contextualização das Bibliotecas do Ensino Superior

As BES - Bibliotecas do Ensino Superior, vivem tempos de mudança. Esta afirmação traduz uma ideia generalizada entre todos os profissionais da área. No entanto, a mudança sempre foi o nosso lema. A ideia de que a biblioteca era o local onde o saber repousava e permanecia *ab aeterno*, pertence ao nosso passado e pode ser encontrada em excertos de literatura:

“A biblioteca (...) é reserva de saber mas só pode manter esse saber intacto se impedir que chegue a qualquer um, até aos próprios monges. O saber não é como a moeda, que permanece fisicamente íntegra mesmo através das trocas mais infames: ele é antes, como um fato belíssimo, que se consome através do uso e da ostentação.” (ECO, 1999)

Esta imagem da biblioteca como o feudo do saber está implícita na definição da palavra biblioteca (do grego, *bibliotheke*), composta pela palavra *biblion* (livro) e *theke* (armário, depósito) (Libraries, 1993). Séculos depois, as bibliotecas continuam a ter que provar que são muito mais do que isso.

A abertura à comunidade e a propagação do saber começou com a criação das primeiras universidades nos séculos XIII e XIV e posteriormente com a invenção da imprensa (mais exemplares de cada obra permitem uma maior divulgação e acesso)

As primeiras bibliotecas universitárias, foram de certa forma, uma consequência natural das bibliotecas de catedrais e mosteiros mas divergiam delas no sentido de que os livros eram para ser utilizados e não para guardar pela sua raridade. Assim, “se foram os bibliotecas dos mosteiros que preservaram o conhecimento durante cerca de 1000 anos, foram as bibliotecas das universidades que colocaram esse conhecimento em uso e, ao fazê-lo, inauguraram a era moderna anunciando o fim da idade das trevas”(HARRIS, 1995).

A evolução foi preocupação constante das BES durante o século XX. Para a disponibilização da sua colecção e para alargar o leque dos seus serviços, houve uma evolução de procedimentos que levaram à cooperação e troca de informação entre diferentes sistemas. Alguns momentos foram importantes e tornaram-se pontos de viragem para a prática dos profissionais ligados ao sector. O aparecimento da primeira edição da CDU (Classificação Decimal Universal)<sup>1</sup>, desenvolvida por Henry La Fontaine e Paul Otlet (Instituto internacional de Bibliografia) um sistema de classificação de conteúdos temáticos teve a sua importância na medida em que foi a primeira taxonomia construída para abarcar e sistematizar o conhecimento humano reorganizando a colecção de forma sistemática. As AACR (Anglo-American Catalogue Record) foram publicadas pela primeira vez em 1908, pela ALA (American Library Association<sup>2</sup>) e pela Library Association<sup>3</sup> (Inglaterra) e constituem um esforço notável para a sistematização da normalização dos documentos. Nos anos sessenta foi desenvolvido pela Biblioteca do Congresso o formato normalizado de descrição bibliográfica computarizado MARC (MACHine-Readable Catalog) que permitiu a normalização e a disseminação rápida de procedimentos comuns na catalogação de recursos facilitando assim a sua troca entre diferentes sistemas. O Marc foi convertido em 1973 na Norma ISO 2709. Colecção

---

<sup>1</sup> [http://www.udcc.org/index.php/site/page?view=about\\_history](http://www.udcc.org/index.php/site/page?view=about_history)

<sup>2</sup> <http://www.ala.org/>

<sup>3</sup> <http://www.cilip.org.uk/>

sistematizada e normalização de procedimentos. Faltava a comunicação entre os sistemas.

Nos anos sessenta foi desenvolvido o sistema de comutação por pacotes permitindo uma transmissão mais rápida e eficiente na transmissão dos dados em computadores. A ARPNET foi a primeira rede a utilizar este sistema. O desenvolvimento da Internet constitui o ponto de viragem para as Bibliotecas (COOKE, 2001)

Fala-se de BES, há que explicitar os seus objectivos, a sua missão, contextualizar as suas funções.. A biblioteca universitária (ou sistema destas) é estabelecida, mantida e administrada por uma universidade para cobrir as necessidades de informação dos seus estudantes e apoiar os seus programas educativos, de investigação e demais serviços (ORERA ORERA, 2011). De igual forma, “uma biblioteca do ensino superior é uma biblioteca criada para estar ao serviço de uma universidade” (FARIA e PERICÃO, 2008)

Esta missão é encontrada igualmente em Reitz (2013): “A library or library system established, administered, and funded by a university to meet the information, research, and curriculum needs of its students, faculty, and staff.”

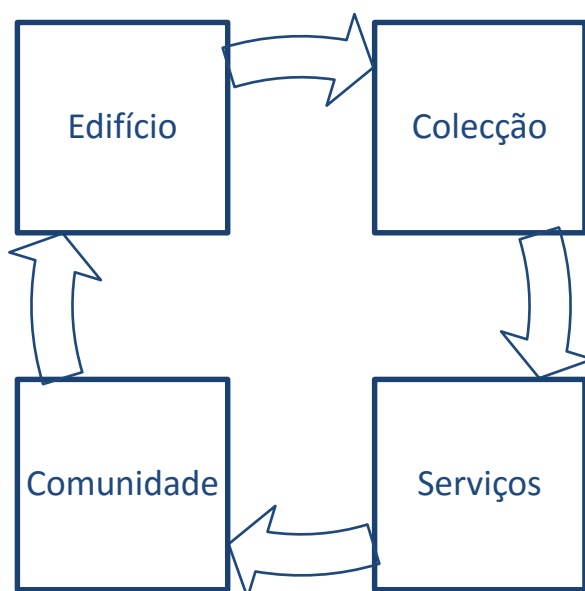


Figura 1 – A biblioteca do ensino superior

Retemos então, os aspectos fundamentais das BES:

- A BES é um espaço, um ou mais edifícios situados na instituição de ensino superior de que faz parte;
- a BES tem um público preferencial, ou seja, a comunidade em que se insere: docentes, investigadores, estudantes e demais colaboradores. Além disso está aberta também a públicos externos mediante certas condições;
- detém uma colecção em diferentes suportes que está ao dispor da comunidade. A BES detém a posse da sua colecção ou então disponibiliza acesso aos recursos mediante aluguer de conteúdos a fornecedores especializados;
- é um serviço de apoio à aprendizagem e investigação da sua comunidade.

O termo Biblioteca é, na maioria dos casos, associado a uma colecção de livros ou então a um edifício. Temos assim, a biblioteca como uma colecção de recursos que ocupa um lugar concreto e cuja missão, no caso da bibliotecas do ensino superior é servir a sua comunidade. Uma biblioteca adiciona valor aos seus recursos organizando-os e disponibilizando-os para os seus utilizadores(POMERANTZ e MARCHIONINI, 2007), oferecendo assim, um conjunto de serviços de apoio à pesquisa, obtenção e gestão da informação.

### **A mudança de paradigma**

Nos anos oitenta, os utilizadores da Internet tinham acesso a três ferramentas básicas: correio electrónico, telnet e FTP (File transfer protocol). O utilizador tinha de saber a localização dos recursos assim como os comandos para aceder e saber utilizá-los. No fim dos anos oitenta e inícios de noventa com o desenvolvimento de sistemas distribuídos cliente/servidor alterou-se a forma como a informação podia ser acedida pela internet.

Segundo Castells (2007), o grande impulso tecnológico dos anos sessenta e setenta (inovações tecnológicas como a invenção do microprocessador, do microcomputador, do comutador digital, da fibra óptica, do protocolo TCP/IP, da Internet e também inovações na área da engenharia genética) proporcionou aos Estados Unidos um grande avanço tecnológico. A revolução tecnológica baseou-se nos progressos alcançados nas duas décadas anteriores e foi mais um resultado de uma indução tecnológica do que da

determinação social. Desta revolução tecnológica surgiu um novo paradigma, o paradigma da tecnologia da informação. Castells, aponta-lhe 5 características básicas:

1. A informação é a sua matéria prima
2. Os efeitos deste paradigma atingem todos os processos da nossa vida individual e colectiva (A informação é parte integrante de toda a nossa vida)
3. Lógica das redes. A rede estrutura o não estruturado preservando a flexibilidade
4. A flexibilidade é a quarta característica pois este paradigma tem a capacidade da reconfiguração, aspecto importante em época de mudança

O desenvolvimento da World Wide Web (WWW) em 1990, por Tim Berners-Lee, revolucionou toda uma forma de comunicação através do hipertexto.

Em meados dos anos noventa com a WWW e a generalização da conectividade em rede, esta aparece-nos como um espaço partilhado para investigação, aprendizagem, trabalho e diversão. Nesta altura foram criados, por exemplo, o W3C<sup>4</sup>, a Dublin Core Metadata Initiative<sup>5</sup>, a D-Lib Magazine<sup>6</sup> e a Ariadne<sup>7</sup>.(DEMPSEY, 2006)

Com a sociedade de informação nasceu um novo modelo de biblioteca: a biblioteca híbrida, conjugando elementos novos e outros tradicionais, que permitem falar de uma continuidade da biblioteca, apesar das mudanças (ORERA ORERA, 2011).

Em 2004, Tim O'Reilly torna popular o termo Web 2.0, para designar a segunda geração de comunidades e serviços baseados na WWW. Importa tirar partido da inteligência colectiva. Cada utilizador é um criador. Todos nós somos criadores de conteúdos e uma mais valia para os outros. As ligações e as hiperligações são o fundamento da rede. À medida que os utilizadores adicionam novos conteúdos, esses passam a integrar a estrutura da rede interligando novos utilizadores. Do mesmo modo que se formam sinapses no cérebro – com as associações fortalecendo-se em função da repetição ou

---

<sup>4</sup> <http://www.w3.org/Consortium/facts>

<sup>5</sup> <http://dublincore.org/>

<sup>6</sup> <http://www.dlib.org/dlib.html>

<sup>7</sup> [www.ariadne.ac.uk/](http://www.ariadne.ac.uk/)

da intensidade – a rede de conexões cresce organicamente, como resultado da actividade colectiva de todos os utilizadores da rede.<sup>8</sup>

O conceito da Web 2.0, como plataforma partilhada assente na inteligência colectiva foi apropriado pelas Bibliotecas como um novo paradigma a ser posto em prática na comunicação com os utilizadores. O termo Biblioteca 2.0 passou a ser utilizado na conceptualização da missão das BES. Esta, abre-se aos seus utilizadores, interage e procura obter feedback das suas acções e propósitos. A mudança é uma componente principal da Biblioteca 2.0 . (CASEY e SAVASTINUK, 2007). Para estes autores, à semelhança da Web 2.0, a Biblioteca 2.0 é um modelo que permite à biblioteca interagir com os seus utilizadores tornando-os participativos e melhorando os serviços para chegar a todos os potenciais utilizadores da Biblioteca. A biblioteca deve implementar estruturas que visem a participação dos utilizadores, criando um novo espaço através da web, através do uso de blogs, wikis, podcasts, tagging, e outras formas de estruturar dados e informação.

As bibliotecas podem e devem utilizar a *web 2.0* para oferecer produtos e serviços aos seus utilizadores. Acompanhar a tecnologia faz parte do processo de evolução de qualquer instituição; o desenvolvimento permitido por essas ferramentas demonstra a força da biblioteca e o princípio de uma revolução na Ciência da Informação. (JESUS e CUNHA, 2012)

Na mudança de um ambiente de informação predominantemente analógica para um ambiente predominantemente digital competências em marketing, sistemas e uma atitude mais competitiva que atraia os utilizadores são agora indispensáveis (ROSS e SENNYEY, 2008). Acesso de todos os utilizadores a todos os documentos, a biblioteca passou de proprietária de colecções a gestora de informação.

---

<sup>8</sup> artigo original em:

<http://www.web2summit.com/web2009/public/schedule/detail/10194>, revisto 5 anos depois (2009): <http://www.web2summit.com/web2009/public/schedule/detail/10194>

## Novos espaços para as BES

O termo lugar é definido em obras de referência<sup>9</sup> em termos gerais e reais como o volume geométrico ocupado pelos corpos. Ou seja, é um espaço ocupado por um corpo, um lugar concreto e real. As bibliotecas são edifícios, as colecções e pessoas ocupam espaço físico.

O conceito de lugar confunde-se com o conceito de espaço. Muitas vezes são sinónimos. O conceito de espaço, ainda segundo a Logos, designa a extensão vazia a três dimensões que condiciona a posição dos corpos e seus movimentos. Pode ser analisado do ponto de vista matemático (espaço geométrico); da física (espaço cinemático) e o espaço imaginário da psicologia colectiva. Esta última acepção do termo é a que nos interessa neste contexto.

As diversas teorias da apropriação homem-ambiente e da relação do indivíduo com o espaço estão bem sintetizadas nas obra de Barracho (2001). Este autor, cita o trabalho de Altman e Rogoff (1987): *os espaços tornam-se locais, quando estão ligados a pessoas, ganham significado psicológico e implicam o decurso de actividades*. Entramos no campo da psicologia ambiental, que estuda as relações entre o indivíduo e o seu meio ambiente. Nesta relação, podemos nós apropriarmo-nos do espaço, segundo a nossa percepção e acomodá-lo às nossas vivências? Como é que os nossos utilizadores vêm o espaço biblioteca? Qual a noção que a ela atribuem e como chegaram a ela?

Ao espaço interiorizado por cada um de nós, em função das nossas vivências e das memórias que são transmitidas de geração em geração através dos espaços construídos, temos também um espaço vivenciado por cada utilizador e pela comunidade em geral. O conceito de lugar como algo material, simbólico e funcional está presente na definição de bibliotecas, museus, arquivos, santuários. São lugares da memória (NORA, 1989); lugares de memória colectiva, lugares topográficos (LE GOFF, 1990); lugares definidos pelas suas funções e pelas suas comunidades (POMERANTZ e MARCHIONINI, 2007). A

---

<sup>9</sup> Entre outros, vêr por exempl: **Logos : enciclopédia luso brasileira de filosofia**. Lisboa : Verbo, 1991. 3<sup>o</sup> Vol., p. 508-512.

memória é, pois, algo que atravessa, que marca, que estabelece pontos de convergências entre um eu individualizado e certos referentes históricos, culturais e sociais compartilhados coletivamente (SILVEIRA, 2012).

Podemos considerar a Internet como o nosso arquivo das memórias?

Outra abordagem do espaço foi feita por Ray Oldenburg,(FARIA e PERICÃO, 2008) sociólogo urbano, na sua obra *The great good place*, publicada pela primeira vez em 1989. Aí define o espaço segundo a apropriação que dele fazem os indivíduos. Divide o espaço em 3 tipos:

- o espaço privado, a casa, as relações familiares;
- o trabalho, ambiente de produtividade, competitivo, as relações laborais;
- os terceiros lugares (third places), locais de sociabilidade entre os indivíduos, relações sociais.

O espaço privado corresponde à “casa” de Bachelard (1996), na sua obra a poética do espaço. Lê-se uma casa, diz, o espaço revela a intimidade de quem o ocupa. Ou seja, o espaço é íntimo é um estado da alma de quem o ocupa. A casa protege o “eu” do exterior, é o nosso “canto do mundo”, dia Bachelard.

O conceito de terceiros lugares de Oldenburg é aplicável a cafés, a ginásios, a livrarias... a bibliotecas. A biblioteca é também um espaço de sociabilidade, é um terceiro lugar situado entre o espaço individual e o espaço de trabalho.

Sendo espaço de sociabilidade agrega comunidades e promove partilhas. Numa sociedade em rede, a biblioteca encontra o seu lugar como elo de ligação entre indivíduos, comunidades e instituições.

Temos então a biblioteca como, um espaço físico; um espaço funcional; um espaço simbólico; um espaço individualizado; um espaço de socialização.

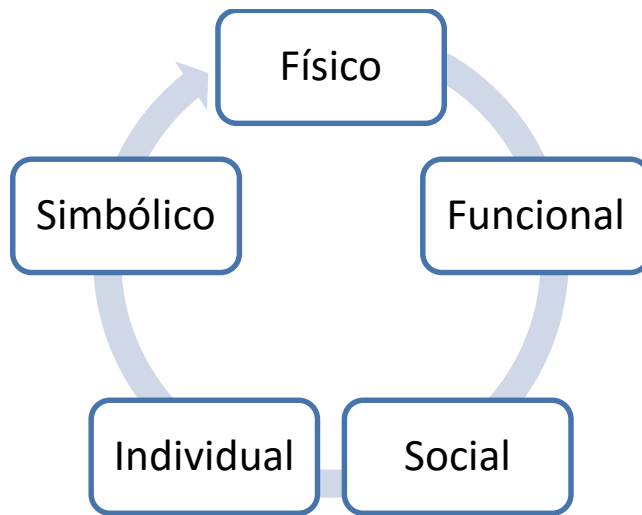


Figura 2 – Os espaços da biblioteca

Funcional, na medida da aceção básica da premissa contida na missão das BES, a sua missão de servir a comunidade, função de memória da instituição, função de arquivo da produção científica da comunidade, função de gerir e difundir os recursos informativos da instituição.

Espaço individual, apropriado por cada um dos seus utilizadores e percebido subjectivamente pelo indivíduo. O “meu” espaço, o sítio onde posso estar e usufruir daquilo que gosto.

Espaço simbólico, símbolo do saber acumulado por gerações e disponível na prateleira mesmo à nossa frente. O computador dá-me acesso a outros recursos que não estando presentes fisicamente neste espaço fazem também parte dele, estão cá quando eu preciso. O mundo cabe na biblioteca, biblioteca de babel com trechos para descobrir.

Espaço social, o terceiro lugar, intersecção de experiências individuais e colectivas. Local onde posso partilhar com o meu grupo as minhas dúvidas, as minhas interrogações, onde recebo feedback dos meus actos e me revejo noutras atitudes.

Espaço físico, móveis, estantes, salas, equipamentos, pessoas, tudo a confluir no mesmo espaço. À medida que a colecção passa a ser digital, o espaço necessário para armazenar fisicamente os recursos, fica vazio. Há que reinventar a sua utilização.

A passagem do analógico para o digital não é uma ruptura, é antes uma continuidade. Os diferentes espaços subsistem virtualmente (espaços sociais, mídias sociais, espaços individuais, customizados segundo as minhas preferências, espaços simbólicos e funcionais de que me aproprio segundo as minhas necessidades). E o espaço físico? As expressões proverbiais são sempre bastante interessantes e uma delas cabe na nossa reflexão: o saber não ocupa lugar. Por analogia podemos inferir que o livro, o periódico não precisa de suporte físico para existir enquanto tal e dele podermos usufruir, embora não seja esse o sentido inicial do provérbio. Quais as implicações da não existência de um espaço físico?

As bibliotecas são lugares que conjugam o espaço físico com o espaço intelectual (as ideias estão contidas nos seus recursos) ligam as pessoas às ideias e estas a elas (POMERANTZ e MARCHIONINI, 2007).

As características fundamentais das bibliotecas – acesso sistematizado aos seus recursos, as ideias contidas nos recursos e as suas comunidades de utilizadores – também são extensíveis às bibliotecas digitais. Em relação ao lugar a biblioteca física e a digital são instâncias, manifestações em diferentes suportes, de um mesmo conceito: a biblioteca (POMERANTZ e MARCHIONINI, 2007).

Vimos que, enquanto colecção, pode estar num edifício ou num local virtual sem existência física. A Biblioteca é muito mais do que uma colecção de livros. É um lugar. É um espaço. É onde nos revemos e nos sentimos em casa quer estejamos lá fisicamente quer ela venha até nós, ao local onde me encontro.

Esta é a biblioteca que queremos: partilhada, experienciada e vivida. É a biblioteca ideal? Só o tempo o poderá dizer.

Tabela 1 - A biblioteca física e a biblioteca digital são diferentes manifestações de um mesmo conceito: A Biblioteca

Biblioteca física

Biblioteca digital

Biblioteca

Espaço	Físico	Virtual	Espaço físico, contemplando o individual e o social. Espaço online, virtual
	Percepcionado e individualizado	Percepcionado e individualizado (sujeito a customização pelo utilizador)	Percepcionado e individualizado
	Funcional e simbólico	Funcional e simbólico	Funcional e simbólico
	Social, terceiro lugar	Social, terceiro lugar	Social, terceiro lugar
Colecção	Suporte físico e digital. A BES detém a posse ou aluguer (pagamento da utilização sem a posse perpétua). Acesso presencial e online	Suporte digital. A BES detém a posse ou aluguer (pagamento da utilização sem a posse perpétua). Acesso online.	Suporte físico e digital. A BES detém a posse ou aluguer (pagamento da utilização sem a posse perpétua). Acesso presencial e online
	Referência presencial	Referência online	Promoção das Literacias
Serviços	Empréstimo	Empréstimo	Local de aprendizagem no caminho da auto suficiência
	Formação	Formação e auto-formação	Partilha
			Comunidades sociais
Comunidades	Publicos internos	Acesso global	Publicos internos
	Publicos externos autorizados		Publicos externos

**Que bibliotecas para o século XXI?**

“Neste início de século, procuram-se novas formas de reinventar velhas organizações”(GOUVEIA, 2003).

As bibliotecas, ligadas ao ensino superior, comungam dos seus objectivos, estabelecidos em Portugal, na Lei de Bases do Sistema Educativo<sup>10</sup>

A universidade do século XXI, passa pela mudança de perspectiva centrada no corpo docente para a perspectiva centrada no estudante; pelos diferentes níveis de ensino interligados formando uma rede de aprendizagem; pela aprendizagem assíncrona; pela diversidade de opções de aprendizagem face às diferentes necessidades da população; pela expansão da comunidade estudantil pois o conhecimento é a moeda que determina a riqueza das nações. (CUNHA, 2000)

O Processo de Bolonha tem como prioridades, entre outras, o envolvimento activo das instituições do ensino superior, professores e estudantes na construção de um espaço europeu de investigação constituindo assim, uma sociedade baseada no conhecimento.<sup>11</sup> Na sociedade de informação, o poder passou a depender da produção do conhecimento, constituindo-se este, como um recurso estratégico. O Processo de Bolonha preconiza que os estudantes sejam o centro do processo de aprendizagem, adquiram e desenvolvam competências técnicas e sociais que promovam a auto formação e autoaprendizagem ao longo da vida. Às BES é-lhes pedido que sejam o palco dessa transformação e o motor desse processo. Trabalhar é cada vez mais, aprender, transmitir saberes e produzir conhecimentos. Essa partilha é facilitada pela sociedade em rede ao aumentar o potencial de inteligência colectiva dos grupos humanos(LÉVY, 2000).

Dempsey (2006), refere a importância da biblioteca evoluir e tirar partido da sociedade em rede assumindo comportamentos de aprendizagem e ensino num espaço caracterizado por aplicações e *web services* mais acessíveis e flexíveis que tornam o trabalho mais colaborativo baseado muitas vezes em *software open source*. A *web social*

---

<sup>10</sup> [Lei n.º 46/86](#), de 14 de Outubro, alterada pela [Lei n.º 115/97](#), e pela [Lei n.º 49/2005](#).

<sup>11</sup> [http://ec.europa.eu/education/higher-education/bologna\\_en.htm](http://ec.europa.eu/education/higher-education/bologna_en.htm)

é oportunidade para o trabalho colaborativo, a partilha de recursos, a utilização das redes sociais e outros aplicativos que promovem a sociabilidade no sentido de promover a comunicação bilateral. Por outro lado, novos modelos de negócio, como plataformas de serviços *on demand* (serviços interactivos a pedido) permitem também por seu lado, a interacção com os públicos.

Assim, neste ambiente *flat* (traduzível por horizontal e significando uma base transversal), a biblioteca deve projectar os seus serviços para o ambiente do utilizador, não pode simplesmente agregar conteúdos. Deve reconfigurar recursos, moldá-los para serem o suporte da investigação e dos novos ambientes de aprendizagem. Devemos colocar as bibliotecas na rede, integrando o D2D (*discovery to delivery*) ou seja: descobrir, localizar, pedir, obter (DEMPSEY, 2006).

O efeito da tecnologia no comportamento dos utilizadores teve um grande impacto. A internet criou uma nova dinâmica de descoberta e uso impulsionada por infraestruturas como o Google, Amazon, iTunes e outros. Agregam-se os pedidos, facilitando a sua obtenção em plataformas interactivas. Este processo leva-nos a reequacionar o papel da biblioteca. Devemos conseguir captar os nossos públicos de igual forma tendo a capacidade de construir soluções de forma colaborativa para o conseguir. Os utilizadores mudam. Desde os jovens que requerem aprendizagens interactivas e colaborativas até aos colegas mais velhos que possuem *backgrounds* diversificados e encontram-se já no mercado de trabalho.

Criamos, partilhamos e utilizamos conteúdos e serviços digitais. A biblioteca 2.0, as colecções digitais, a interoperabilidade entre os sistemas, promove-se o digital em detrimento do físico. Mas as bibliotecas enquanto conceito coexistem no ambiente tecnológico. E enquanto espaço também, quer seja físico ou virtual, promove-se a sociabilidade. Reinventam-se novas funções, a biblioteca é a casa de cada um de nós.

O digital atravessa as nossas vidas, quer enquanto consumidores quer enquanto produtores de informação e o lugar deixa de ter importância face à possibilidade de estarmos virtualmente e não fisicamente. Aprendizagem ao longo da vida,

aprendizagem para qualquer um, em qualquer lugar e em qualquer tempo. Espaço individual e social, colaboração e partilha, a biblioteca reinventa-se neste tempo em mudança.

## Referências

BARRACHO (2001) - *Psicologia social ambiente e espaço : conceitos abordagens teóricas e aplicações*: Lisboa: Instituto Piaget. ISBN 972-771-419-6.

CASEY; SAVASTINUK (2007) - *Library 2.0 : a guide to participatory library service*: Medford: Information Today. ISBN 978-1-57-387-297-3.  
[http://www.kulturklik.euskadi.net/wp-content/uploads/2012/05/Library\\_2\\_0.pdf](http://www.kulturklik.euskadi.net/wp-content/uploads/2012/05/Library_2_0.pdf)

CASTELLS (2007) - *A sociedade em rede*: 3ª ed. Lisboa: FCG. ISBN 978-972-31-0984-9.

COOKE (2001) - *A guide to finding quality information on the internet*: London: Facet. ISBN 1-85604-379-7.

CUNHA (2000) - Construindo o futuro: a biblioteca universitária brasileira em 2010. *Ciência da Informação*. Vol. 29, n.º 1 (2000), p.71-89. Disponível em WWW: <<http://eprints.rclis.org/14595/>>.

DEMPSEY (2006) - The (Digital) Library Environment: Ten Years After. *Ariadne*. n.º 46 (2006). Disponível em WWW: <<http://www.ariadne.ac.uk/issue46/dempsey/>>.

ECO (1999) - *O Nome da Rosa*: Porto: Difel. ISBN 9789722900997.

FARIA; PERICÃO (2008) - *Dicionário do livro : da escrita ao livro electrónico*: Coimbra: Almedina. ISBN 978-972-40-3499-7.

GOUVEIA (2003) - Cidade e regiões digitais : questões e desafios no digital. In Gouveia, Luís Borges- *Cidade e regiões digitais : impacte nas cidades e as pessoas*. Porto: UFP. ISBN 972-8830-03-3.

HARRIS (1995) - *History of libraries of the western world* 4ª ed. Lanham: Scarecrow press. ISBN 978-0-810-86724-9.

JESUS; CUNHA (2012) - Produtos e serviços da web 2.0 no setor de referência das bibliotecas. *Perspectivas em Ciência da Informação*. Vol. 17 (2012), p.110-133. Disponível em WWW: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-99362012000100007&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362012000100007&nrm=iso)>. ISSN 1413-9936.

LE GOFF (1990) - *História e memória*: Campinas: UNICAMP. ISBN 85-268-0180-5 20.  
[http://xa.yimg.com/kq/groups/19906282/820661633/name/LE\\_GOFF\\_HistoriaE Memoria.pdf](http://xa.yimg.com/kq/groups/19906282/820661633/name/LE_GOFF_HistoriaE Memoria.pdf)

LÉVY (2000) - *Cibercultura : relatório para o conselho da Europa no quadro do projecto novas tecnologias cooperação cultural e comunicação*. Lisboa: Piaget. ISBN 972-771-278-9

Libraries (1993) -. In Gwinn, Robert P.- *Encyclopedia Britannica*. 15th ed. Chicago: Encyclopaedia Britannica. ISBN 0852295715. p. 947-963.

NORA (1989) - Between Memory and History: Les Lieux de Mémoire. *Representations*. Vol. 26, n.º Special Issue (1989), p.7-24. Disponível em WWW:  
<<http://www.jstor.org/discover/10.2307/2928520?uid=3738880&uid=2&uid=4&sid=21102112108763>>.

ORERA ORERA (2011) - La biblioteca : una revisión del concepto. In López Yepes, José (coord); Osuna Alarcón, María Rosario (coord)- *Manual de ciências de la información y documentación*. 2ª ed. Madrid: Pirámide. ISBN 978-84-368-2527-5.

POMERANTZ; MARCHIONINI (2007) - The digital library as place. *Journal of Documentation*. Vol. 63, n.º 4 (2007), p.505 - 533. Disponível em WWW:

<<http://www.emeraldinsight.com/journals.htm?articleid=1616206>>.

REITZ (2013) - *Online Dictionary for Library and Information Science*. ABC-CLIO. Disponível em WWW: <[http://www.abc-clio.com/ODLIS/odlis\\_a.aspx](http://www.abc-clio.com/ODLIS/odlis_a.aspx)>.

ROSS; SENNYEY (2008) - The Library is Dead, Long Live the Library! The Practice of Academic Librarianship and the Digital Revolution. *The Journal of Academic Librarianship*. Vol. 34, n.º 2 (2008), p.145-152. [Consult. 3//]. Disponível em WWW:

<<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0099133307002492>>.ISSN 0099-1333.

SILVEIRA (2012) - Biblioteca pública, memória e representações sociais: o depoimento de um grupo de usuários acerca da Mário de Andrade. *Investigación bibliotecológica*. Vol. 26 (2012), p.199-231. Disponível em WWW:

<[http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0187-358X2012000200007&nrm=iso](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0187-358X2012000200007&nrm=iso)>. ISSN 0187-358X.